

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO**  
**CCE – Coordenação Central de Extensão**  
**Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais**  
**Prof<sup>as</sup>:** Rosália Duarte, Ilana Eleá, Rita Leal  
**Discente:** Jerusa Andrade  
jeruzandrade@yahoo.com.br  
**Resumo 045 – junho / 2008.1**  
**RESENHA CRÍTICA<sup>1</sup>**

FISHER, Rosa Maria Bueno. **MÍDIA E JUVENTUDE: EXPERIÊNCIA DO PÚBLICO E DO PRIVADO NA “SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**. Trabalho apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais COIMBRA Portugal, 2004.

*Estudar a mídia e as vidas narradas, e ir atrás das vidas e do que elas têm a dizer sobre como são narradas (em programas de TV, por exemplo) é uma das tarefas principais da pesquisa aqui discutida.*

Rosa Maria Bueno Fischer

Rosa Maria Bueno Fischer discute resultados de pesquisa feita com grupos de jovens brasileiros entre 15 e 25 anos, sobre sua experiência com a mídia, mostrando nos dados obtidos como nossa cultura vem construindo vida pública e vida privada. A pesquisa foi aplicada em 05 grupos de recepção na cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul.

Público alvo: alunos de Ensino Médio de escola particular e pública

alunos de Educação de Jovens e Adultos;

alunos de Ensino Universitário.

**Técnica aplicada:** Foram utilizados 30 produtos televisivos em 21 encontros, no ano de 2003, em cinco grupos; cada encontro, com duas horas de duração. Os produtos (programas e comerciais de TV) da Rede Globo, Rede Record e da MTV tinham no mínimo três edições destinadas e/ou em referência ao público jovem. Todos os encontros foram gravados em vídeo.

---

<sup>1</sup> O texto se configura como parte da quinta atividade proposta aos alunos no curso de Especialização em **Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais**, turma 2008.1, campus Gávea.

O objetivo principal da pesquisa, diz a autora em seu texto, era “estudar a mídia e as vidas narradas e ir atrás das vidas vividas e do que elas têm a dizer sobre como são narradas (em programas de TV, por exemplo) é uma das tarefas principais aqui discutidas”. “Temos um poder que não é deste mundo, como escreve Bauman, um poder desencarnado, que nos confere uma capacidade imensa de nos mover e de atuarmos a distancia”.

Rosa Fischer menciona o conceito de Bauman sobre o mover e atuar a distância do indivíduo e denomina essa ação de “movimentos no reino do virtual”, e adverte para o efeito que esse movimento pode gerar: “perda da importância de tudo o que seja local, de tudo o que não fale a língua do espetáculo”.

A autora na pesquisa utiliza os seguintes produtos: *Malhação*, *Big Brother Brasil 4*, a telenovela *Mulheres apaixonadas* e a minissérie *Cidade dos Homens*, todos programas da rede Globo de televisão e *Tome conta do Brasil* da MTV, e os debates se concentraram sobre como se caracterizaria o “agir humano”, a vida em comum, as trocas e a convivência entre os “diferentes” no contexto midiático.

Enquanto analisa os resultados dos debates com os grupos de recepção a autora se apropria dos conceitos de poder e subjetivação em Foucault, sociedade individualizada em Zygmunt Bauman e as problematizações sobre o agir humano e as esferas pública e privada em Hannah Arendt.

Rosa Fischer identifica: como os meios de comunicação oferecem estímulos para o envolvimento do jovem em conflitos existenciais, que permeiam as relações pessoais e inter pessoais da vida cotidiana dos personagens e pessoas mostradas pela televisão. E aponta questões e respostas para a formação cultural, política e ideológica, desse público jovem. Rosa Fischer enumera três dimensões principais: Análise do discurso dos textos midiáticos, modos e exercícios de ver, história do presente.

Diante da complexidade e da dimensão encontrada nos dados da pesquisa, Rosa Fischer formula sua teoria e busca interlocução com Guillermo Orozco em *televisión, audiencias y educación* e comenta: “o autor nos convoca a pensar sobre a presença protagonista que a TV assume, como base do lazer e da formação de modos

de existência, informação e consumo para grandes parcelas das populações de países como o Brasil, Colômbia e México e tantos outros, especialmente do Terceiro Mundo; também sugere que se pense sobre a tensão que se coloca, a partir de tal fato, entre esse protagonismo televisivo e os novos tipos de interlocução dos sujeitos consigo mesmo e com a cultura aí criada, entre essa força e presença midiática e as interações e negociações possíveis nessa prática social.” FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Juventude: Experiências do Público e do Privado na “Sociedade da Informação,”* p.3.

Sobre o efeito que o fenômeno “protagonismo televisivo” (Orozco) provoca sobre o agir humano, a autora analisa o termo utilizado a partir do pressuposto da filósofa Hannah Arendt: “o público – e, portanto, o político - só pode ser pensado como ação, como ação performativa, agonística, como acontecimento, como irrupção; enfim como interrupção de todos os processos automatizados, totalizantes. Ora, como pensar o político hoje, como pensar em práticas coletivas de existência, se a ordem é a competitividade acirrada, generalizada, a qual, por sua vez, coloca no centro a disputa pelo corpo mais belo, mais jovem e mais trabalhado”?

Hanna Arendt entende que: “o terror dos regimes totalitários foi e é responsável por aniquilar a individualidade humana, justamente por apostar no Grande Homem, numa espécie de coletivo que acaba por cingir a pluralidade, dissolvendo-a numa imensa massa informe, característica também desta sociedade, batizada de sociedade da informação ou sociedade do conhecimento”. FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Juventude: Experiências do Público e do Privado na “Sociedade da Informação,”* P.4.

Entre a interlocução que a autora estabelece com Guillermo Orozco, e o debate com Hannah Arendt, cabe citar também o trabalho comentado por Rosa Fischer sobre sociedade individualizada de Zygmunt Bauman: “temos um poder que não é deste mundo, como escreve Bauman, um poder desencarnado, que nos confere uma capacidade imensa de nos mover e de atuarmos a distância”. FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Juventude: Experiências do Público e do Privado na Sociedade da Informação,”* p.4.

Rosa Fischer identifica o mover e atuar a distância do indivíduo como uma ação de “movimentos no reino do virtual” e destaca o efeito que esse movimento pode gerar: “perda da importância de tudo o que seja local, de tudo o que não fale a língua do espetáculo”. E menciona o “comércio de sentidos” de Bauman: “Importa a nós, pesquisadores das ciências humanas e da educação, saber como esse “comércio” está chegando às pessoas, que tipos de produtos estão sendo ofertados, como os diferentes grupos vivenciam essa realidade proposta nos artefatos culturais, como se posicionam diante dela, e a que papel a escola estaria sendo convocada, quando, por exemplo, seus alunos referem que pode ficar até seis horas diante da TV – como ocorreu em vários depoimentos dos grupos de recepção,” FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Juventude: Experiências do Público e Privado na “Sociedade da Informação,”* p.5.

A autora, ao penetrar em análise complexa dos textos midiáticos e ao mesmo tempo em que se aproxima de uma teoria sobre experiências do público e do privado na sociedade da informação, comprova sua investigação, apoiando-se em especialistas como Orozco, Hanna Arendt e Zygmunt Bauman.